



A FACULDADE DE EDUCAÇÃO PELA CLIVAGEM DOS LIVROS: BIBLIOTECA DO LIVRO DIDÁTICO E BIBLIOTECA PAULO BOURROUL

Circe Bittencourt

Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Brasil
circe@usp.br

Carolina Mostaro Neves da Silva

Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Brasil
carolmostaro@yahoo.com.br

Carlota Boto

Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Brasil
reisboto@usp.br

RESUMO

Este artigo propõe-se a reconstituir a trajetória de dois acervos reservados da Biblioteca da Faculdade de Educação da USP: a Biblioteca do Livro Didático (BLD) e a Biblioteca Paulo Bourroul. A Biblioteca do Livro Didático constituiu-se a partir dos anos finais de 1980, quando ocorreu na Faculdade de Educação da USP a organização de um acervo de livros didáticos vinculado a projetos de pesquisa sobre a história de livros, currículos e disciplinas escolares. A constituição inicial da biblioteca deu-se em meados dos anos 90 e foi formada por acervos particulares de pesquisadores, em especial da professora Circe Bittencourt, que sempre teve o livro didático como objeto central de sua pesquisa. A Biblioteca Paulo Bourroul chegou à Faculdade de Educação no final da década de 1970, quando a instituição (FEUSP) recebeu da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia a doação de parte do acervo constituído ao longo de um século de história da formação docente em São Paulo. Composto por aproximadamente 6.500 títulos, em 8.000 volumes, publicados entre o início do século XVII e meados do XX, esse acervo se tornou uma das “coleções especiais” que integram a Biblioteca da FEUSP, o que deu à Faculdade a possibilidade de guarda e conservação de um conjunto de obras raras, que perpassam diferentes momentos históricos, áreas do conhecimento e tendências literárias, principalmente de impressos escolares destinados à formação do magistério.

Palavras-chave: Biblioteca da Faculdade de Educação da USP. Biblioteca do Livro Didático (BLD). Biblioteca Paulo Bourroul.

INTRODUÇÃO

A história da Faculdade de Educação da USP inscreve-se também na trajetória de suas bibliotecas. O que se procurará fazer aqui é o relato de dois fundos específicos que constam de seu acervo, os quais são respectivamente a Biblioteca do Livro Didático e a Biblioteca Paulo Bourroul. Conhecer um pouco a história desses dois acervos significa compreender mais diretamente como se deu e como se dá a constituição de um repertório do conhecimento pedagógico, que passa simultaneamente por obras de cariz didático e por obras de referência no campo da Pedagogia. A maneira pela qual o saber educativo se constituiu traz a marca e os



vestígios da documentação inscrita em ambas as bibliotecas, sobre as quais se passará a comentar a seguir.

HISTÓRIA DE UMA BIBLIOTECA DE LIVROS DIDÁTICOS

A partir dos anos finais de 1980 teve início na Faculdade de Educação da USP a organização de um acervo de livros didáticos vinculado a projetos de pesquisa sobre a história de livros, currículos e disciplinas escolares. A constituição inicial da Biblioteca do Livro Didático (BLD) se efetivou entre 1994-98 por acervos originários de pesquisadores que tinham esse tipo de livro como objeto central de investigação ou que o utilizavam como fonte de estudos e para cursos de formação de práticas docente. Para muitos pesquisadores era evidente as dificuldades em localizar em bibliotecas as obras didáticas produzidas para cursos secundários e primários, que, por vezes, eram facilmente descartadas ou consideradas, de forma genérica, como vulgatas, analisadas meramente como veículo de inculcação ideológica.

As décadas de 1980 e 90, no entanto, proporcionaram novas problemáticas educacionais decorrentes da expansão dos sistemas escolares para o conjunto da população e de escolas, com seus professores, diretores, administradores e alunos e suas famílias. Para entender as escolas e seu público, era necessário analisar diversos documentos sobre a vida e o cotidiano educacional. Muitas dessas preocupações estavam, neste mesmo período, sendo debatidas e novos documentos estavam sendo resgatados por pesquisadores que se organizavam no Centro de Memória da FEUSP em um contexto de debates sobre os novos procedimentos metodológicos no campo educacional, em especial no campo da história da educação. Novos objetos de pesquisa exigiam novas fontes e, dentre elas, o livro didático foi sendo compreendido sob novas perspectivas, como apresentou o historiador francês Alain Choppin na Conferência de Abertura do Colóquio Internacional *Livro do Didático: Educação e História*, realizado na FEUSP em 2007.

As pesquisas na FEUSP vinculadas às especificidades dos livros didáticos demonstravam que esses impressos possuíam características diferenciadas em relação aos demais, quanto à sua produção, formas de circulação e consumo, condição que passou a exigir medidas para preservá-los em espaços especiais. Por ser um tipo de impresso produzido em larga escala, mas de consumo delimitado pelo sistema educacional e por suas mudanças curriculares, os livros escolares tinham uma vida útil relativamente “curta” e tendiam a tornar-se obras sem necessidade de preservação em bibliotecas. A constituição da Biblioteca do Livro Didático na FEUSP esteve, assim, relacionada a tais questões, articulando-se ao crescente



campo das pesquisas que tinham neste objeto educativo seu principal foco de investigação, conforme revelou o historiador francês Alain Choppin em suas últimas pesquisas (CHOPPIN, A., 2007, 2008).

Por ser o livro didático um documento pouco preservado, a organização de um acervo didático mais completo tornou-se uma necessidade, no caso brasileiro. Acrescentava-se ainda o problema da sua dispersão em um território caracterizado por políticas públicas educacionais descentralizadas, o que dificultava o acesso por parte dos interessados em estudar esse tipo de impresso. Sob tais condições, a organização da biblioteca passou a exigir procedimentos especiais de aquisição, armazenamento, preservação e disponibilização do acervo para estudantes e pesquisadores.

Um primeiro aspecto a ser destacado para a organização de um acervo de obras didáticas é o volume de livros, tanto de títulos quanto de edições. Esta característica se articula a formas de preservação de um material em constante mutação, que passou a ser utilizado em escolas europeias a partir da Renascença e se difundiu no decorrer dos séculos XIX e XX com a ampliação da escolarização, inclusive na recém-criada nação brasileira. Desde então, a vida educacional do mundo ocidental tem sido acompanhada por esse personagem impresso: o livro didático. O livro didático, para além de ser um roteiro sobre o que deverá ser ensinado para alunos de variadas faixas etárias, é muito mais do que isso: é uma forma de ensinar os professores sobre *o quê e como* os diversos conteúdos deveriam ser ensinados (Bittencourt, 1993). O livro didático representa, de forma evidente, um dos principais elementos constitutivos da cultura escolar pelos seus usos ou pela maneira como ele dialoga com as práticas docentes e a vida dos estudantes. O estudo do livro e da leitura escolar tem se constituído, nesta dimensão histórica, em objeto privilegiado para se conhecer os processos educativos a partir do final do século XVIII e como fonte básica para se reconstituir as práticas intrínsecas à cultura escolar dos séculos XIX ao XXI.

Importante salientar que, por se tratar de um livro integrante da vida cultural de milhares de alunos e professores, o livro escolar também se tornou uma importante mercadoria no mundo das editoras, envolvendo outros sujeitos além de educadores e políticos. Editores, técnicos de fabricação e livreiros sempre têm feito parte desta história e realizam interferências no processo de sua produção e circulação. A dimensão econômica de sua produção e circulação fez com que editores se vinculassem às políticas educacionais na medida em que a educação escolar se estendia para uma escolarização de “massas” e tornava-se, cada vez mais um produto rentável. Estas dimensões do livro didático fizeram com que ele se tornasse objeto de interesse crescente de pesquisadores, principalmente no âmbito dos historiadores envolvidos com a educação em



suas problemáticas sociais, econômicas e políticas. O historiador Alain Choppin, ao fazer um balanço sobre o crescimento das pesquisas sobre a história do livro didático nos finais do século XX e início do XXI, constatou o vigor e a maturidade de pesquisas científicas, em escala internacional, ocasionadas pelos avanços da história do livro, mas também pelas “incertezas sobre o futuro do impresso e, mais particularmente sobre o papel que desempenharão, no futuro, junto às novas tecnologias educativas” (CHOPPIN, 2007, p.?).

A etapa inicial da organização da Biblioteca do Livro Didático na FEUSP, no início da década de 1990, integrou o subprojeto *Literatura escolar e memória escolar brasileira*, sob coordenação da professora Circe Bittencourt, e que era desenvolvido junto ao Centro de Memória da Faculdade de Educação da USP, o qual na ocasião fazia parte do projeto geral “*Impressos, Leituras e Instituições Escolares no Brasil*”, coordenado pela professora Marta Chagas de Carvalho. Posteriormente, o volume crescente de obras da BLD adquiridas majoritariamente por campanhas de doações tanto de professores da universidade quanto das editoras e livreiros, fez com que se tornasse um dos acervos especiais da Biblioteca da Faculdade de Educação da USP. Importante destacar que sua organização e atendimento ao público tem exigido uma formação específica por parte de bibliotecários. Trata-se de um acervo que tem se constituído com base na concepção sobre as especificidades da obra didática, sendo fundamental considerar suas diferentes funções e modo de integração no processo de ensino e aprendizagem. E, a pergunta que sempre pesquisadores e bibliotecários fazem é: afinal o que é um livro didático?

Para a organização da BLD foi adotado o conceito do historiador Richaudeau (1986) pelo qual livros escolares (ou livros didáticos) são todas as obras cuja intenção original, manifestada pelo autor ou pelo editor, é explicitamente o uso pedagógico. Nesta concepção se inserem, além dos livros didáticos mais comuns utilizados em escolas públicas e particulares, também denominados de *compêndios* ou *manuals escolares*, as obras conhecidas como paradidáticas, coletâneas de literatura produzidas e editadas especialmente para uso escolar e, ainda, atlas, dicionários e enciclopédias editados para uso pedagógico. Assim temos como categorias didáticas/escolares, as obras elaboradas de acordo com uma progressão sistemática baseadas em currículos assim como obras de consulta e de referência utilizadas no processo educacional, sob diversos suportes de comunicação. Considerando a intenção do autor ou editor na publicação da obra, inclui-se como livro didático, obras que, embora inicialmente não tenham sido concebidas tendo em vista o público escolar, adquiriram *status* pedagógico, com adequações de vocabulário e uso constante em sala de aula. É o caso de obras clássicas da literatura, tais como romances de José de Alencar ou poemas épicos, como os *Lusíadas* de Luís



de Camões que possuem edições adaptadas e organizadas especialmente para o público escolar. Mais recentemente fazem parte do acervo da BLD livros produzidos para e pelas escolas indígenas, assim como obras para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), cuja história de produção, circulação e consumo são bastante diferenciadas dos demais livros didáticos.

A BLD, dentro de uma formulação mais geral, tem como pressuposto a inclusão em seu acervo de todas obras que “podem ser repartidas – em função de sua integração ao processo de aprendizagem – em duas grandes categorias: as obras que representam uma progressão sistemática, de um lado, e as obras de consulta e de referência, de outro lado.” (RICHAUDEAU, 1986, p. 51).

A organização da BLD caracterizou-se pelo constante diálogo com pesquisadores de diferentes universidades, por grupos de pesquisas ligados a processos de alfabetização, às especificidades disciplinares, à história das editoras e às políticas públicas de produção e avaliação, dentre outros temas. O acervo das obras escolares da BLD tem sido organizado e ampliado a partir de pesquisas articuladas à história dos currículos e disciplinas escolares, história das práticas de leitura e métodos de ensino e história da formação de professores secundários e primários. Nesta perspectiva, a BLD abarca um conjunto de livros usados que possuem um valor diferenciado em relação aos livros recebidos diretamente das editoras e ainda “virgens” de usuários. Assim, há vários exemplares da mesma obra que se diferenciam por fornecerem informações de usos, pelos traços deixados pelos alunos, suas anotações e rabiscos, respostas de questionários, etc.

As pesquisas sobre a relação entre Estado e o mercado do livro têm se avolumado no Brasil e servem como referências importantes sobre um novo momento da história do livro didático brasileiro decorrente do Programa Nacional do Livro Didático – o PNLD. Essas obras estão sendo incorporadas à BLD juntamente com a documentação determinante de sua produção, tais como Guias para os professores, LDB e demais textos legislativos federais e estaduais. Assim, foi acrescida à BLD uma série de impressos: legislação, catálogos de editores, programas curriculares, além de teses e monografias sobre as diferentes temáticas relacionadas aos livros escolares dos diferentes níveis de escolarização.

A organização da BLD obedece, portanto, a conceitos e categorias próprias da produção didática e tem sido determinante para a classificação das obras e formas de disponibilização para pesquisadores. Nesta perspectiva é importante destacar a preocupação dos responsáveis pela BLD em disponibilizar o acervo para a pesquisa em escala nacional e internacional por intermédio de um Banco de Dados.



Segundo levantamento de Alain Choppin e Paul Aubin (2007), a elaboração de sites construídos em diversos países ao longo das últimas décadas evidenciou a importância da organização de inventários de fontes e documentos para pesquisa, pela Internet tanto em escala nacional como internacional. Nessa perspectiva, a Biblioteca do Livro Didático foi organizada, desde sua origem em 1994, articulada a um Banco de Dados constituído com o propósito de referenciar e localizar livros didáticos brasileiros existentes em diferentes bibliotecas nacionais e também internacionais, especialmente na Bibliothèque National de France (BNF) e em bibliotecas portuguesas. O projeto do Banco de Dados do Livro Didático Brasileiro teve apoio inicial proporcionado pelo Convênio Internacional entre a Universidade de São Paulo e o Institut National de Recherche Pédagogique da França (INRP), firmado em 1994 e se integrou à rede Emmanuelle, banco de dados de obras escolares francesas. O Banco de Dados Emmanuelle, criado por Alain Choppin, pesquisador do INRP, foi escolhido como referencial por ser instrumento de pesquisa elaborado e alimentado por pesquisadores franceses e de outros países que viabilizava uma consulta ampliada sobre livros didáticos em perspectiva histórica e pela possibilidade de trabalhos de cooperação internacional. Os campos que compõem o Emmanuelle foram adaptados para a situação brasileira e caracterizam-se por ampliar a natureza bibliográfica do documento ao incluir as especificidades do livro didático quanto ao processo de sua produção e circulação. Posteriormente, com a ampliação de pesquisas sobre a história do livro didático no Brasil foram sendo estabelecidos contatos com vários pesquisadores de outras universidades nacionais, destacando os da PUC/São Paulo que resultou da elaboração de um projeto interinstitucional com a finalidade de dar continuidade ao Banco de Dados. O Banco de Dados brasileiro recebeu o nome LIVRES (Livros Escolares) e obteve financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) com o Projeto Temático: Educação e Memória: organização de acervos livros didáticos que vigorou entre 2003 a 2007, tendo como coordenadores Circe Bittencourt (FEUSP), Kazumi Munakata (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP) e Carlota Boto (FEUSP).

O Projeto Temático contou com uma equipe de pesquisadores de várias instituições e especialistas de diferentes áreas curriculares: professores, pós-graduandos de doutorado e mestrado, bibliotecários, alunos bolsistas de Iniciação Científica, técnicos de informática da Universidade de São Paulo (USP), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal da Paraíba, dentre outras. Os intercâmbios com pesquisadores de várias instituições e especialidades foi fundamental para o desenvolvimento da coleta dos dados em diferentes bibliotecas, iniciando pelo acervo de bibliotecas da USP para em seguida se estender para às



demais: Biblioteca Municipal de São Paulo, Mário de Andrade, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, além de bibliotecas escolares, como o acervo do NUDOM do Colégio Pedro II (Rio de Janeiro), da Escola Normal Caetano de Campos de São Paulo e de outras escolas da capital e interior paulista. Foi feito o convênio com o Banco de Dados Emmanuelle junto ao INRP e intensificada a rede de contato com outros países, em particular com pesquisadores do projeto MANES da Espanha, que integra pesquisas de universidades de países latino-americanos (México, Cuba, Colômbia, Chile, Argentina) e do projeto EDISCO, Banco de Dados sediado na Universidade de Turim, Itália.

A rede de intercâmbios e convênios favoreceu o aperfeiçoamento do Banco de Dados e possibilitou o desenvolvimento de pesquisas e realização de estudos comparados e participação e organização de encontros internacionais¹.

Desde 2016, o Banco de Dados LIVRES integra o *Projeto International Textbook Catalogue* que desenvolve intercâmbio internacional sistematizado para atualização técnica e preservação das obras por intermédio da digitalização, projeto sob a iniciativa do *Georg Eckert Institut for International Textbook Research de Braunschweig*, da Alemanha. O objetivo é constituir uma rede global de acervos de livros escolares: MANES (Espanha), EDISCO (Itália), GEI (Alemanha), LIVRES (Brasil) sob princípios de difusão em escala internacional das próprias obras e de ferramentas para ampliação de pesquisas articuladas sob princípios das *Humanidades Digitais*. Nesse último caso, do *Georg Eckert Institut* (GEI), foi estabelecido um acordo de cooperação com a Faculdade de Educação da USP para criação e desenvolvimento do *Global Textbook Resource Center* (GLOTREC). As formas concretas de cooperação abrangem a elaboração conjunta de standards unificados, integração das bases de dados entre os livros escolares digitalizados em textos completos de acordo com procedimentos de biblioteconomia e informática estabelecidos.

A continuidade da organização da BLD e a do Banco de Dados LIVRES se insere, atualmente, junto ao *Projeto Arquivos digitais e bibliotecas: história do livro e da leitura*, um dos eixos do Projeto Temático da FAPESP Saberes em Fronteira: por uma história transnacional da educação (1810) coordenado pelas professoras Diana Vidal e Carlota Boto da Faculdade de Educação da USP.

A BLD, cujo acervo corresponde a aproximadamente 23.000 obras e 1.200 documentos e o Banco de Dados LIVRES integram, desta forma, um projeto amplo sobre a história do livro

¹ O projeto EMMANUELLE está disponível em: <http://bdd.inrp.fr:8080/Emma/EmaWelcome.html> e o projeto MANES está disponível em: <http://www.uned.es/manesvirtual/portalmans.html>



didático e das edições escolares a partir de 1810, quando teve início pela Impressão Régia a circulação das primeiras obras produzidas no Rio de Janeiro, aos dias atuais em que circulam milhares de títulos e formatos nas mais diversas escolas brasileiras.

A BIBLIOTECA PAULO BOURROUL E A CIRCULAÇÃO TRANSNACIONAL DOS SABERES PEDAGÓGICOS

No final da década de 1970, a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) recebeu da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia a doação de parte do acervo da “Biblioteca Paulo Bourroul”, constituído ao longo de um século de história da formação docente em São Paulo. Composto por aproximadamente 6.500 títulos, em 8.000 volumes, publicados entre o início do século XVII e meados do XX, esse acervo se tornou uma das “coleções especiais” que integram a Biblioteca da FEUSP, o que deu à Faculdade a possibilidade de guarda e conservação de um conjunto de obras raras, que perpassam diferentes momentos históricos, áreas do conhecimento e tendências literárias, principalmente de impressos escolares destinados à formação do magistério.

Encontramos a origem da “Biblioteca Paulo Bourroul” na antiga Escola Normal da capital paulista, em 1874, quando a instituição foi reaberta com a previsão de que teria uma biblioteca “destinada especialmente ao uso de professores e alunos, formada de livros dos melhores e mais recentes escritores das diversas matérias do ensino” (REGULAMENTO, 1874, p. 1)². Suas primeiras obras foram adquiridas no início 1875 e se destinavam ao ensino de Língua Portuguesa, Língua Francesa, Aritmética e Pedagogia. Na época, o professor Paulo do Valle recebeu a quantia de 428\$000 para a aquisição de livros, o que lhe possibilitou comprar algumas dezenas de volumes. Na famosa “Casa Garraux”, Valle adquiriu, por exemplo, a primeira edição da obra de Auguste de Saint-Hilaire, *Voyage dans les provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine* (1851), que ainda hoje consta no acervo da FEUSP. O professor também comprou o *Curso Prático de Pedagogia* (1874), de Daligaut, que marcou a formação de muitos normalistas brasileiros na década de 1870 e foi adotado como o compêndio que norteava as aulas de Pedagogia e Metodologia na Escola Normal de São Paulo (SILVA; PEREZ, 2014).

Naquele momento, apesar de não contar com um espaço específico para a organização e consulta das obras, a Escola Normal começou a constituir seu acervo bibliográfico por meio de compras e doações, como foi o caso dos 40 exemplares da Gramática de Língua Francesa,

² A primeira experiência de instalação de uma escola normal em São Paulo ocorreu entre 1846 e 1867. Não foram localizados indícios de que tenha havido compra de livros para a escola nesse período.



de Abílio Cesar Borges, recebidos em abril de 1875. Em 1878, com o fechamento da Escola Normal da Capital, seus livros teriam sido entregues à Inspetoria Geral da Instrução Pública, conforme indica José Eustáquio de Sá e Benevides, quando, como diretor da escola que havia sido reaberta em 1880, solicitou a incorporação desses livros à biblioteca da instituição.

Nos anos de 1880, o acervo bibliográfico da Escola Normal cresceu e se diversificou consideravelmente, acompanhando a ampliação do currículo da escola, que nesse momento englobava física, química, biologia, história, geografia, além das línguas portuguesa e francesa, da aritmética, da pedagogia e da doutrina cristã. A primeira compra de livros só ocorreu, no entanto, quase três anos após o reinício das atividades da Escola Normal. O responsável por essa compra foi Paulo Bourroul (1855-1942), médico francês que atuava como diretor interino e professor da cadeira de Física, Química e Francês na escola.

Ao solicitar uma licença para viajar à França, no final de 1882, Bourroul foi incumbido por Francisco Brandão, presidente da província, da compra “dos aparelhos necessários para o ensino da física e da química na Escola Normal, das obras pedagógicas para a biblioteca da mesma Escola e do estudo da organização de um museu pedagógico” (BOURROUL, 1882, p. 1). Segundo Francisco Brandão (1882, p.1), a escola ressentia-se “da falta de uma biblioteca apropriada, não possuindo mesmo livro algum de pedagogia”, o que o levava a destinar “a quantia de um conto de réis”, para que fossem adquiridas “as melhores e mais modernas obras de pedagogia que convenha possuir a mesma Escola, começando-se assim a construir a sua biblioteca”. Essa iniciativa, conforme Marta Carvalho (2007, p. 20), “pode ser considerada como uma das poucas e tímidas providências destinadas a dotar a Província de São Paulo de uma instituição de formação de professores compatível com as transformações culturais que o progresso material em curso começava a desencadear”.

Paulo Bourroul realizou com sucesso a tarefa que lhe foi atribuída, e da França despachou para o Brasil 13 caixas, contendo livros, mapas, materiais para lições de coisas e muitos itens para o laboratório de física e química. Meloni e Alcântara (2019, p. 14) destacam a variedade dos objetos comprados na França e destinados “a um laboratório escolar de uma escola normal, ou seja, que não tinha como finalidade principal a formação no campo das ciências, mas a formação de professores primários”. Para a biblioteca, foram comprados mais de 120 títulos, que abarcavam álgebra, geografia, história, física, química, botânica, zoologia, pedagogia e instrução pública, indicando uma diversidade de conteúdos maior do estava previsto no currículo da escola. Os livros do renomado historiador Victor Duruy, *Histoire Grecque*, *Histoire Romaine*, *Histoire du Moyen-âge* e *Histoire de France*, editados entre 1879



e 1882, que estão no acervo da FEUSP, provavelmente, são exemplares adquiridos por Bourroul em sua viagem à França.

Nessa compra, as obras destinadas ao ensino de Pedagogia e Metodologia correspondem a mais da metade dos títulos, como apontou Pestana (2011). Tomando por base as definições do catálogo de obras pedagógicas francesas, publicado pelo Ministério da Instrução Pública da França, em 1880, é possível identificar nesse conjunto obras de doutrina ou teoria, em que “a ciência pedagógica é tratada por seus princípios gerais”, como as de Spencer, *De l'éducation intellectuelle, morale et physique*, e de Rousseau, *Émile ou de l'éducation*, cujas edições de 1878 e 1882 estão disponíveis para consulta na Biblioteca da FEUSP; e obras de pedagogia prática, “em que a educação é tomada mais em seus detalhes do que em generalizações”, como as de Marie Pape-Carpantier, *Conseils sur la direction des salles d'asile*, e de Jules Paroz, *Leçon des Choses* (MUSÉE PÉDAGOGIQUE, 1888, p. 10). Nesse conjunto, também se destacam os livros dedicados ao método de ensino intuitivo, ou às lições de coisas, que ganhava expressão como parte do movimento de expansão da escola de massas, na Europa e nas Américas, ocupando lugar de destaque nos debates e nas práticas educacionais do final do século XIX (SCHELBAUER, 2003). Pouco mais da metade dos livros comprados por Bourroul atravessaram o século XX e se encontram no acervo transferido à USP. Pestana (2011, p. 65) localizou 40, dos títulos de Pedagogia e Metodologia comprados em 1883. *L'école Froebel*, de Masson (1880), o *Manuel Pratique des jardins d'enfants de Frédéric Froebel*, de Jacobs (1880), e *L'éducation de l'Homme*, de Froebel (1881), estão entre esses títulos franceses.

Outras compras foram realizadas ao longo da década, de modo que, em 1885, a Escola Normal contava com um acervo de mais de mil volumes, com 505 obras. O orçamento de 1885-1886 destinara a verba três contos de réis para a compra de livros. Uma lista da Casa Garraux indica a aquisição de mais de 150 títulos, majoritariamente franceses, reforçando a tendência francesa na biblioteca da Escola Normal, no século XIX, o que nos possibilita observar, para além dos mecanismos culturais fundados numa tradição intelectual remanescente do período colonial e da formação de quadros das elites em instituições europeias, mecanismos econômicos e sociais que viabilizavam a circulação dos impressos. Como o professor francês, ao realizar uma viagem para tratar de questões pessoais, pôde providenciar a importação de dezenas de livros, a grande presença de obras editadas na França nos catálogos de livreiros em São Paulo, como é o caso da Casa Garraux, propriedade de um francês, criava condições para que a circulação dos livros entre os dois continentes se efetivasse (DEACTO, 2011). Assim, renomados pensadores anglo-saxônicos, como Froebel, Pestalozzi e Spencer, que marcaram as concepções educacionais nos séculos XIX e XX, chegaram à Escola Normal de São Paulo por



meio de traduções francesas ou da mediação de autores franceses – um exemplo é a obra *Études sur la vie et les travaux pédagogiques de J.-H. Pestalozzi*, de Pierre-Philibert Pompée (1809-1874), educador francês que esteve na Suíça estudando o método Pestalozzi e que se tonou um importante mediador desse autor na França (FONTAINE; MATASCI, 2015).

Além de ter seu acervo ampliado, na década de 1880, a biblioteca da Escola Normal de São Paulo se concretizou como espaço de guarda e consulta, que, conforme o regulamento da instituição, ficaria aberto por cinco horas diárias, sob a responsabilidade do porteiro. A respeito disso, o diretor Sá e Benevides (1884, p. 11) indicava haver a “urgente necessidade” de reformar o “Regulamento na parte em que determina servir o porteiro como bibliotecário não só porque há incompatibilidade material nas funções de tais cargos como principalmente porque não tem o porteiro as habilitações precisas” – questão que motivou o fechamento da biblioteca por alguns períodos.

A frequência dos estudantes estava aquém das expectativas do diretor, que atribuía o fato à biblioteca funcionar apenas durante o horário das aulas. Além disso, havia dias da semana em que eram atendidos os alunos e, em outros, as alunas. Em 1887, o regulamento da escola foi reformado, ampliando o horário de funcionamento da biblioteca e determinando que a função de bibliotecário passaria a ser exercida por um dos docentes da instituição.

Dez anos após a viagem de Paulo Bourroul, o acervo da escola reunia quase mil obras, em cerca dois mil volumes, divididos em sessões: científica, literária e diversas. Entre as obras da sessão científica, 304 estavam em francês e 131 em português. Entre maio e novembro de 1893, foram consultadas 170 obras por 826 consultantes, a maior parte do sexo feminino, que nesse ano representava dois terços das matrículas na escola. As matérias mais consultadas eram História do Brasil, Astronomia, Corografia, História Natural, Botânica e Zoologia, Psicologia e Pedagogia. Em maio, foram consultadas quarenta obras, 29 estavam em português e onze em francês. Em julho, do total de 23 obras, doze estavam em francês e onze, em português (*O Estado S. Paulo*, 13 de junho de 1893; *Correio Paulistano*, 5 de agosto de 1893). Em 1894, com a mudança da Escola Normal para o famoso edifício da Praça da República, construído para abrigá-la, a biblioteca foi acomodada em duas salas, “com 14 estantes, tendo em cima galerias com mesmo número de estantes”, segundo o memorialista Alfredo Moreira Pinto (1900, p. 15). Nessa época, a biblioteca recebeu uma doação da importante coleção *Flora brasiliensis: enumeratio pntarus in Brasiliis*, de Carl Friedrich Philipp von Martius, produzida em diversos volumes desde 1840, que ainda está no acervo da “Biblioteca Paulo Bourroul”. Também nesse período, as obras *Psychologie appliquée à l'éducation*, de Gabriel Compayré, *Princípios de Pedagogia* (1891), de Augusto Coelho, foram indicadas para a cadeira de



Pedagogia e Direção de Escolas. O livro de Coelho está no acervo da FEUSP, o de Compayré não.

Na virada do século, a biblioteca da Escola Normal chegava a dez mil volumes. Somente no ano de 1898, foram acrescentados 1.643 volumes, por meio de compras e doações, e a biblioteca teve uma média de 39 consultas por dia (FELICIANO, 1898). Nesse ano, os livros em português representam 65% dos consultados, contra 35% em francês, conforme o relatório do bibliotecário José Feliciano. Entre os e as docentes da instituição, as professoras da Escola Anexa foram as que mais frequentaram o acervo, e, entre estudantes, as alunas da seção feminina da Escola Normal continuavam representando a maioria de consultantes. No entanto, a configuração dos idiomas na biblioteca começava se alterar com a chegada de um número crescente de livros em inglês, indicando novos trânsitos pelos quais circulavam e circulariam os saberes pedagógicos. No acervo da “Biblioteca Paulo Bourroul” há, por exemplo, dois livros de Emerson White, *The Elements of Pedagogy* (1886) e *School management* (1895), possivelmente adquiridos nesse período. Em 1909, *O Estado de S. Paulo* noticiava a compra de “cinquenta obras novas em quarenta volumes, sendo uma delas a importante enciclopédia do Estados Unidos, *The Americans*, em vinte volumes”.

O rico acervo que compõe a coleção “Paulo Bourroul”, na Biblioteca da FEUSP, traz elementos para compreensão da história do livro, da leitura, dos saberes e das disciplinas escolares, bem como de conteúdos, concepções, tradições, modelos e projetos de formação de professores que marcaram a formação docente em São Paulo. Nele também se materializam indícios das mudanças institucionais pelas quais passou a Escola Normal de São Paulo, como observou Rabelo (2016) ao analisar os carimbos e etiquetas de livros desse acervo, destacando as alterações no nome da instituição escolar e de sua biblioteca. De Escola Normal da Capital, a instituição passou a se chamar Escola Normal Secundária de São Paulo (1911), Escola Normal de São Paulo (1920), Instituto Pedagógico de São Paulo (1931), Instituto Caetano de Campos (1934), Escola Normal Modelo (1938) e Instituto de Educação Caetano de Campos (1946), conforme identificou Golombeck (2012). A denominação da biblioteca também recebeu alterações, acompanhando as da instituição a que estava vinculada, até que em 25 de janeiro de 1942, recebeu o nome de Biblioteca Paulo Bourroul, em homenagem ao professor (*Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 29 de setembro de 1943, p. 18).

Entre viagens internacionais e institucionais, livros de outros acervos se juntaram a essa biblioteca. Carimbos da “Divisão de Documentação e Divulgação”, criada em 1969, da Biblioteca Pedagógica Central e da Biblioteca Central de Educação, ambas criadas nos anos de 1930, foram identificados por Rabelo (2016) na coleção especial “Paulo Bourroul”, que vem



despertando o interesse de vários pesquisadores (CARVALHO, 2006; 2007; PESTANA, 2011; PEREIRA, 2011; PEREZ, 2013; TREVISAN, 2011; CÉFALO, 2021). Em 1977, as bibliotecárias da FEUSP, Marina Almeida e Elza Maeda (1977, p. 14), já indicavam que “as obras que compunham o acervo eram de interesse para os estudos e pesquisas realizados pelo Corpo Docente da Faculdade, principalmente nas áreas de Filosofia da Educação e História da Educação”, o que teria motivado sua requisição como doação para a Faculdade.

Hoje, esse acervo vem passando por um processamento técnico, no âmbito do Projeto Temático Saberes e práticas em *fronteiras: por uma história transnacional da educação (1822...)*, a fim de que os títulos, catalogados e indexados ao sistema Dedalus, da Universidade de São Paulo, possam estar mais facilmente acessíveis a todos os interessados. Seja como for, em uma época na qual a busca de trabalhos pela via digital tende a substituir o recurso ao impresso, a preservação e organização dos livros de bibliotecas apresenta-se como uma tarefa hercúlea e profundamente relevante. O mundo que viu nascer as plataformas digitais e a leitura na tela ainda é o mundo no qual o livro impresso permanece sendo um instrumento a serviço do conhecimento. Tanto os livros didáticos da BLD quanto os tratados pedagógicos inscritos na biblioteca Paulo Bourroul instituem modos de olhar para o saber que remetem a tempos passados, mas que certamente falam também em direção ao futuro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M., MAEDA, E. Y.. Métodos para o fichamento preliminar de grandes doações; uma experiência da FEUSP. In: **Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**, 1977, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: ARB, 1977. p.13-23.

AUBIN, Paul; CHOPPIN, Alain. “Le fonti storiche in rete: i manuali scolastici” in: GIANFRANCO BANDINI, Paolo Bianchini (dir). *Fare storia en rete. Fonti e modelli di scrittura digitale per la storia dell’educazionne, la storia moderna e la storia contemporânea*. Firenze, Carocci, 2007, p. 53-57.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. 1993. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-28062019-175122>

BOURROUL, P. **Fatos e Boatos**. Carta a Francisco Brandão. In: **Correio Paulistano**, 27 de outubro de 1882

BRANDÃO, F. de C. S. **Fatos e Boatos**. Carta a Paulo Bourroul. In: **Correio Paulistano**, 27 de outubro de 1882.



CARVALHO, M. M. C. A caixa de utensílios e o tratado: modelos pedagógicos, manuais de pedagogia e práticas de leitura de professores. In: **IV Congresso Brasileiro de História da Educação**. Goiás, 2006, p. 1-10. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/58ccv0e>. Acesso em: 12/08/2020.

CARVALHO, M. M. C. Uma biblioteca pedagógica francesa para a Escola Normal de São Paulo (1882): livros de formação profissional e circulação de modelos culturais. In: BENCOSTTA, Marcus L. (Org). **Culturas Escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

CHOPPIN, Alain. Contexte scientifique de la recherche sur l'édition scolaire au plan local, national et mondial, CD-ROM. *Atas do Simpósio Internacional Livro Didático: Educação e História*, São Paulo: USP, 2007.

CHOPPIN, Alain. *Le Manuel scolaire, une fausse évidence historique*, publicado em 2008, na Histoire de l'Éducation do INRP, nº 117 e traduzido em pela Revista História da Educação da Associação Sul-riograndense, em 2009 (he.asphe@gmail.com). Disponível em: <http://histoire-education.revue.org/565>.

CÉFALO, M. **O Ensino de Física e Química na Formação Docente da Escola Normal de São Paulo (1880-1918)**. 2021. 230f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, História, Política e Sociedade, PUC. São Paulo, 2021.

DEAECTO, M. M. **O império dos livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista**. São Paulo: Edusp, 2011.

FELICIANO, J. **Biblioteca da Escola Normal**. Manuscrito. Arquivo Público do Estado de São Paulo. 1898

FONTAINE, A.; MATASCI, D. Centraliser, exposer, diffuser : les musées pédagogiques et la circulation des savoirs scolaires en Europe (1850 1900), **Revue germanique internationale** [En ligne], 21, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rgi/1515>. Acesso: 21/7/2020.

GOLOMBECK, P. Denominações da escola. **Caetano de Campos: a escola que mudou o Brasil**, 2012. Disponível em: <http://www.caetanodecampos.com.br/historia-da-escola/denominacoes-da-escola>. Acesso: 26/08/2021.

MELONI, R. A.; ALCÂNTRA, W. R. R. **Materiais didático-científicos e a história do ensino de ciências naturais em São Paulo (1880-1901)**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 45 p. e207546, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/164245> . Acesso em: 27/10/ 2021.

MUSÉE PÉDAGOGIQUE. **Catalogue des bibliothèques pédagogiques**. Paris : Imprimerie Nationale, 1888. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4236070m/f5.item.r=Catalogue%20des%20biblioth%C3%A8ques%20des%20C3%A9coles%20normales>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2020

PEREIRA, B. C. **Prescrições para ensinar a ensinar leitura e escrita na Escola Normal de São Paulo: circulação de saberes pedagógicos Brasil/França (1874-1889)**. 2013, 185f. Tese



(Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UNESP. Marília, 2013.

PEREZ, T. T. **História da formação de professores em São Paulo (1875-1894):** interseções entre os ideais de professor e de escola. 2012, 333f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, USP. São Paulo, 2012.

PESTANA, M. G. **Colecionando livros, formando mestres:** a Biblioteca Pedagógica da Escola Normal de São Paulo (1883). 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, História, Política e Sociedade, PUC. São Paulo, 2011.

PINTO, A. M. **A cidade de São Paulo em 1900.** São Paulo: Governo do Estado, 1900 [1979].

RABELO, Rafaela Silva. **Destinos e Trajetos: Edward Lee Thorndike e John Dewey na formação matemática do professor primário no Brasil (1920-1960).** Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, FEUSP. São Paulo, 2016. 288p

REGULAMENTO da Escola Normal. In: **Diário de S. Paulo**, 12 de maio de 1874, p. 1.

RICHAUDEAU, F. **Concéption et production des manuels scolaires:** guide pratique. Paris, UNESCO, 1986.

SÁ E BENEVIDES, J. E. C. **Relatório apresentado ao presidente da Província José Luiz de Almeida Couto.** São Paulo: Jorge Seckler & C., 1884.

SCHELBAEUR, Analete Regina. **A Constituição do método intuitivo na província de São Paulo (1870-1889).** 2003. 350f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, FEUSP. São Paulo, 2003.

SILVA, Vivian B.; PEREZ, Tatiane, Apropriações dos saberes pedagógicos no início da formação: manuais e provas da Escola Normal de São Paulo (década de 1870). **Revista História da Educação**, v. 18, n. 42, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/41053> . Acesso: 22/03/2021.

TREVISAN, T. **História da disciplina de pedagogia nas escolas normais do Estado de São Paulo (1874-1959).** 2011, 209f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UNESP. Marília, 2011.

Recebido em: 22 de outubro de 2021

Aceito em: 22 de dezembro de 2021